

# Professor analisa suicídio dos índios kaiowá

O historiador José Carlos Bom Meihy lança hoje, no MIS, 'Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida'

ANTONIO GONÇALVES FILHO  
Da Reportagem Local

**CANTO DE MORTE KAIOWÁ: HISTÓRIA ORAL DE VIDA** - Livro do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy. Edições Loyola, 268 págs. Cr\$ 8 mil. Lançamento hoje, às 19h30, no Museu da Imagem e do Som (av. Europa, 158, tel. 881-4417, Jardins, zona sul de São Paulo).

No início deste ano os jornais se voltaram para a reserva indígena de Dourados (a 239 quilômetros de Campo Grande, MS), registrando uma onda de suicídios que sugeria a hipótese de auto-extermínio entre as tribos guarani e kaiowá. O fato despertou a atenção do professor José Carlos Sebe Bom Meihy, 48, do Departamento de História da USP, que passou algumas semanas na reserva colhendo depoimentos, agora reunidos no livro "Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida".

O título, apesar da inspiração romântica de Gonçalves Dias, não identifica um ensaio delirante. Ao contrário. Trata-se de um livro com depoimentos graves, em que a causa do suicídio de jovens índios kaiowá é atribuída a diferentes fatores. Entre eles aparecem o alcoolismo, a interferência das igrejas pentecostais, perda da identidade cultural, pressão sofrida pelos índios terena, reprodução do modelo repressor policial dentro da aldeia, abuso sexual, exploração dos índios como bóias-frias e até feitiço.

Meihy, porém, não escreveu o livro atrás de uma explicação para o suicídio, "sempre comprometedor porque suscetível a um sem-número de interpretações variadas". O auto-aniquilamento não é identificado com o "massacre secular" dos índios, a "abusiva dominação dos brancos". Clichês de uma sociologia apresada foram evitados em troca da busca pelo específico. De concreto Meihy e seus colaboradores sabiam que, desde 1987, ocorrem 67 suicídios na reserva, que registrou um aumento populacional de 5.000 (em 83) para 8.000 índios este ano. Detalhe: esses suicídios repetiam sempre o mesmo procedimento, o enforcamento em pequenas árvores de metro e meio de altura.

Outros índios tomaram veneno, mas a forma mais frequente tem sido a asfixia, confundida com enforcamento. A distinção é necessária, segundo Meihy, porque a asfixia "se caracteriza por ser provocada com intensa participação do suicida". Esses escolhem pequenos arbustos e a morte lennum transe provocado pelo

consumo do álcool e o gradativo aperto da forquilha. Para o veneno, a explicação está associada a uma atitude perversa dos plantadores, que abandonam inseticidas ao alcance dos índios.

Há também quem veja nesses supostos suicídios a ação da polícia interna da reserva, criada para dar "proteção" às aldeias. Há suspeitas de envolvimento direto ou indireto em algumas mortes e depoimentos no livro confirmam a violência dos métodos policiais indígenas. Adolescentes são surrados com correntes de ferro e colocados, nus, numa prisão de precárias condições. Humilhados, procuram o suicídio.

O cacique kaiowá Ireneo Isnard, 92, denuncia esses métodos policiais dentro da aldeia. Culpa também os índios terena, mais ricos, que subjagam os kaiowás e guaranis, ao reproduzir o modelo do latifundiário branco. Ramão Machado da Silva, 46, o mais rico e poderoso homem da reserva, acha, porém, que os suicídios — de jovens entre 12 e 17 anos — refletem a incapacidade de integração do índio na sociedade branca. Sem emprego, com fome, frustrados e ainda vítimas de violências, eles só encontrariam a morte como saída.

Filha de um proprietário de terras ao lado da aldeia, Irene Nogueira Rasslan condena as igrejas pentecostais, que exercem fascínio nos índios pelo "poder de acesso direto à palavra divina". O ritual barulhento dos pentecostais, segundo Rasslan, tem muito a ver com a chicha, antiga festa ritual transformada agora em bebedeira de fim-de-semana. "Eles não se ligam a seitas tranquilas, silenciosas", diz, sugerindo que a promessa de uma vida melhor depois desta tem levado jovens inocentes à morte.

A situação dos índios bóias-frias também é denunciada no livro. Explorados, eles ainda são obrigados a abandonar a família —sagrada, para os kaiowá. Ao voltar para a aldeia, ficam sabendo que a mulher foi colocada na "feirinha" (curra na mata). Já aculturados e expostos a hábitos que não são os deles, a saída é uma morte que preserve íntegro o corpo, sem mutilação ou sangue. A asfixia compromete a fala, a manifestação da vida para os kaiowá. "Morre uma pessoa, sai uma voz", acreditam os índios. Nem mesmo os pajés que vieram do Paraguai para exorcizar a aldeia conseguiram tirar esse nó da garganta.



Pajés e rezadores trazidos do Paraguai pela Funai exorcizam a aldeia dos kaiowá em Dourados, em fevereiro deste ano

Na minha opinião, a causa dos suicídios aqui na aldeia é o alcoolismo. Os capitães acham que não, mas eu acredito nisso... tenho muitos parentes que morreram: sobrinha, tio... muitos mesmo, e, pelo tanto que me contaram, todo mundo estava com álcool na cabeça na hora de praticar o suicídio... eles bebem e assim vão dar fim à vida... ficam com raiva, brigam em casa, decidem, mas precisam do álcool. Teve até o caso de uma parenta minha que disse para o meu irmão que estava para se matar... o marido dela tinha morrido fazia pouco tempo e nem tinha dado para enterrar ainda... ela ficou atormentada com aquilo e começou a enfraquecer a idéia... dizia até que era por causa do marido morto, que às vezes podia ver ele de verdade, que não conseguia esquecer, tirar ele da cabeça... passou um dia, dois, e nada de melhorar... até que no velório dele ela tomou muita bebida e no dia seguinte encontraram já morta... se enforcou de noite, no caminho de casa.

Depoimento do capitão Ireneo, 92, cacique dos kaiowá

Eu acredito que a Igreja em geral tem muito a ver com os suicídios... não estou dizendo que ela é a responsável direta, mas indiretamente tem muito a ver. Sou de família presbiteriana e sei bem o que a religião faz com a cabeça da gente. A idéia do pecado é uma coisa muito forte... muito disciplinadora: você pode isso, não pode aquilo... e a idéia do Juízo Final como um ajuste de contas?!... Eles incutem um medo danado! Há um aspecto meio bandido nessa coisa de igreja entre os índios... veja que através dos tempos todos têm feito com que os índios deixem sua cultura... todos nós, de alguma forma, fomentamos isso... daí somam-se os problemas gerais de convivência com o branco, vem o problema da miséria, da terra, da alimentação, do preconceito e no meio disso tudo aparece a igreja falando de salvação, de céu, de justiça. Qual o miserável que, vivendo na situação do índio, não quer ir para um mundo onde as ruas são de ouro, como diz uma música deles?

Depoimento de Irene Nogueira Rasslan, proprietária de terras nas proximidades da aldeia dos kaiowá em Dourados